

Flexionar ou não flexionar, eis a questão: infinitivos no Português como segunda língua (L2)¹

To inflect or not to inflect is the question indeed: infinitives in second language (L2) Portuguese

Jason Rothman

University of Florida – EUA

Michael Iverson

University of Iowa – EUA



Resumo: À luz de previsões feitas por duas abordagens concorrentes na aquisição de L2 por adultos – Acesso Total (FA, Full Access) (e.g., White 1989, 2003; Schwartz & Sprouse 1996) e Traços Malsucedidos (FF, Failed Features) (e.g., Hawkins & Chan 1997; Liceras & Díaz, 1999) – o presente estudo examina a aquisição de infinitivos flexionados por adultos aprendizes de português como L2, falantes nativos de inglês e bilíngues de espanhol/inglês. A aquisição total semelhante ao nativo de infinitivos flexionados requer a reconfiguração de um parâmetro sintático (o Parâmetro do Sujeito Nulo) e um parâmetro morfológico (o Parâmetro-Infl) para esses aprendizes. Como as abordagens FF sustentam um período pós-crítico de insucesso na aquisição de novos traços na L2, ausentes na L1, prevê-se que a aquisição típica da língua alvo não seja possível. Por outro lado, as abordagens FA, que sustentam a possibilidade da reconfiguração dos parâmetros nos adultos, preveem que a competência nativa de infinitivos flexionados seja alcançável, mas não inevitável. Os dados que apresentamos apoiam as abordagens FA, e demonstram que os adultos aprendizes avançados alcançam um conhecimento interpretativo dos infinitivos flexionados do português semelhante ao de nativos. Também consideramos o papel da transferência da L1 e as implicações possíveis, já que diferem para ambos os grupos.

Palavras-chave: Aquisição de L2; infinitivos flexionados; Parâmetro do Sujeito Nulo

Abstract: In light of the predictions of two competing approaches to adult L2 acquisition – Full Access (FA) (e.g., White 1989, 2003; Schwartz & Sprouse 1996) and Failed Features (FF) (e.g., Hawkins & Chan 1997; Liceras & Díaz, 1999) – the present study examines the acquisition of inflected infinitives by English and Spanish/English bilingual adult learners of L2 Portuguese. Target-like acquisition of inflected infinitives requires the resetting of both a syntactic parameter (the Null Subject Parameter) and a morphological parameter (the Infl-parameter) for these learners. Since FF approaches maintain a post-critical period failure to acquire new L2 features lacking from the L1, target-like acquisition is predicted to not be possible. Conversely, FA approaches, which maintain adult parameter resetting is possible, predict that native-like competence of inflected infinitives is attainable, but not inevitably so. The data we present support FA approaches, demonstrating that advanced adult learners achieve native-like interpretative knowledge of Portuguese inflected infinitives. We also consider the role of L1 transfer and its possible implications, as they differ for both groups.

Keywords: L2 acquisition; inflected infinitives; Null Subject Parameter

¹ Este artigo é uma tradução cuja realização foi possível com a autorização do *Journal of Portuguese Linguistics*, onde foi publicado o artigo original; ROTHMAN, J. & IVERSON, M. (2007). To Inflect or not to Inflect is the question indeed: Infinitives in Second Language (L2) Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 6, 3-28. A tradução foi realizada por Karina Molsing.

1 Introdução

Se considerarmos a tarefa de aquisição de linguagem em termos daquilo que precisa ser realizado, a aquisição de linguagem é mais ou menos a mesma para os aprendizes de primeira língua (L1) e os adultos aprendizes de segunda língua (L2). Apesar desta semelhança, a aquisição normal de uma L1 difere nitidamente da aquisição típica de uma L2 em termos da sequência de desenvolvimento e a gramática atingida na L2. Na idade adulta, a aquisição de segunda língua (L2A) se caracteriza por graus variados de sucesso em aprendizes individuais.² Por exemplo, a L2A em adultos se caracteriza por um acento estrangeiro ubíquo (Scovel, 1988), uma variação profunda no uso discursivo de flexões explícitas (Lardiere, 1998, 2000, 2007), e opcionalidade residual na sintaxe condicionada por uma interface (Sorace, 2000, 2003), mesmo em níveis muito avançados. Esses fatos contrastam nitidamente com a aquisição normal de uma língua primária (L1A) na infância. A L1A se distingue por uma relação sequencial entre a realização sintática e a emergência de morfologia flexional produtiva (e.g., Guasti, 2002; Lust, 2006), o triunfo universal sobre as chamadas interfaces vulneráveis (ver Platzack, 1999; Müller & Hulk, 2001), e um caminho consideravelmente semelhante de aquisição linguística. Esses fatos aparentemente opostos devem nos levar a concluir que a Gramática Universal (GU) é inacessível na L2A de adultos?

Durante as últimas duas décadas, os linguistas gerativistas que vêm pesquisando sobre a L2A em adultos têm debatido o significado dos fatos mencionados acima para a continuidade-GU em adultos (ver White, 1989, 2000, 2003 para discussão). Por exemplo, investigações recentes na L2A em crianças têm mostrado convincentemente que as diferenças de L1/L2 durante o processo de aquisição – tanto para crianças quanto para adultos aprendizes de L2 – se devem em grande parte aos efeitos da transferência da L1 (e.g., Hazdenar, 1997; Schwartz, 1992, 2003; Herschensohn et al., 2005). Consequentemente, as diferenças de L1/L2 em relação à sequência do desenvolvimento não podem ser usadas para sustentar uma chamada diferença fundamental entre as duas instâncias de aquisição de linguagem (Schwartz 2003), onde esta diferença é a inacessibilidade à GU (Bley-Vroman, 1990). Embora a transferência da L1 possa resultar em déficits representacionais, mesmo com a GU sendo totalmente acessível aos aprendizes de L2 (Schwartz & Sprouse, 1994, 1996), a transferência por si só não pode dar conta da gama de diferenças de L1/L2. Por exemplo, a transferência da L1 por si só não pode dar conta adequadamente do uso, caracteristicamente variável, de morfologia explícita por adultos aprendizes independentemente da associação entre a L1 e L2. Portanto, deve-se interpretar o uso variável de flexão como evidência

de maturação? Eis uma questão importante e oportuna, já que o Minimalismo (Chomsky, 1995) assume que o lócus de diferenças paramétricas se localiza nas propriedades dos itens lexicais da Gramática Particular (GP).

Fornecer uma resposta adequada para esta questão não é uma tarefa fácil, pois depende muito de como se vê a relação entre a morfologia e a sintaxe. À luz de pesquisas que demonstram evidências absolutas da aquisição de novos traços na L2 (ver White, 2003), muitos estudos contemporâneos que sustentam a continuidade-GU em adultos têm buscado determinar porque as diferenças de L1/L2 ocorrem além do pressuposto de efeitos de transferência da L1. Por exemplo, a posição de “sintaxe antes da morfologia” argumenta que a morfologia e a sintaxe se desenvolvem separadamente (e.g. Lardiere, 1998, 2000; Prévost & White, 1999, 2000; Bruhn de Garavito, 2003), de fato, de forma assimétrica no caso de L2A (Schwartz, 2003). Consequentemente, as abordagens de Acesso Total (FAA, *Full Access approaches*) entendem os problemas de L2 na produção morfológica em termos de erros morfológicos de superfície (um problema de mapeamento) e não como um resultado de déficits sintáticos. Por outro lado, as abordagens de Traços Malsucedidos (FFA, *Failed Features approaches*) (e.g., Hawkins & Chan, 1997; Beck, 1998; Liceras & Díaz, 1999; Liceras et al., 1999; Hawkins & Liskak, 2003; Hawkins, 2005) interpretam os erros morfológicos como evidências de uma incapacidade na L2 de adquirir novos traços morfosintáticos não-especificados na L1 do aprendiz, o que ilustra que os adultos não são capazes de adquirir as configurações de traços sintáticos críticos na L2.

As FAA e FFA devem dar conta das diferenças de L1/L2 durante o processo e no estágio final de aquisição. As FAA sustentam que a transferência da L1 explica as muitas diferenças de L1/L2; as FFA afirmam que a maturação é responsável pela maioria das desigualdades entre as L1/L2.³ No presente estudo, testamos as

² Nosso uso do termo ‘sucesso variável’ não se limita a comparações do estágio final de aquisição entre os aprendizes de L2. Observa-se que o mesmo adulto aprendiz de L2 muitas vezes varia dentro do próprio desempenho na L2, especialmente no domínio da produção de morfologia explícita.

³ As abordagens FA reconhecem que a transferência da L1 não é a única variável que resulta em desigualdades entre a L1 e a L2 em adultos. (e.g., Epstein et al., 1996, 1998; Flynn, 1996; Lardiere, 1998, 2000, 2006; Prévost & White, 1999, 2000; Sorace, 2000, 2003). As limitações de espaço não nos permitem discutir todas as questões em detalhes, no entanto, reconhecemos que além do debate de “sintaxe antes da morfologia” que discutimos explicitamente, pesquisas recentes têm demonstrado que os erros na sintaxe condicionada por interfaces parecem ser particularmente problemáticos para aprendizes de L2, mesmo em níveis avançados de aquisição (e.g. Papp, 2000; Sorace, 2000, 2003, 2004; Bruhn de Garavito, 2003; Goad et al., 2003; Schwartz, 2003; Montrul & Rodríguez-Louro, 2004; Unsworth, 2004; Pacheco & Flynn, 2005; Rothman, 2007). Em comparação à relativa escassez de erros na sintaxe estrita (especialmente em níveis avançados de proficiência na L2), parece que muitos erros na aquisição de L2 resultam de interfaces vulneráveis – onde a sintaxe deve fazer interface com outros módulos linguísticos – como as interfaces sintaxe/pragmática, sintaxe/fonologia e sintaxe/semântica.

previsões das abordagens FA e FF para a aquisição de infinitivos flexionados por aprendizes de português como L2, falantes nativos de inglês e bilíngues de espanhol/inglês. A aquisição semelhante à nativa da língua alvo de infinitivos flexionados requer a reconfiguração do parâmetro para ambos os grupos. Logo, as FAA, mas não as FFA, preveem que ambos os grupos podem adquirir uma competência nos infinitivos flexionados semelhante a dos nativos. Também testamos ambos os grupos para explorar a possibilidade de as diferenças na transferência da L1 desempenharem um papel na aquisição de infinitivos flexionados por adultos, não obstante o Acesso Total à GU.

Na próxima seção, apresentamos uma análise sintática de infinitivos flexionados em português, que inclui uma discussão das propriedades semânticas associadas que usamos na parte empírica do estudo. Depois, apresentamos uma seção sobre o planejamento e a metodologia do estudo, seguida pelos resultados, a discussão e a conclusão.

2 Infinitivos em português

O objetivo desta seção é descrever os infinitivos flexionados em português em termos da sua distribuição sintática bem como das propriedades morfossintáticas necessárias para a sua aquisição. Tanto português brasileiro (PB) quanto português europeu (PE) possui infinitivos flexionados, e as suas distribuições são bastante semelhantes, embora não idênticas (ver Da Luz, 1998; Salles, 1999, 2003; Pires, 2001, 2006).⁴ Contudo, a convergência em uma gramática que permite que os

⁴ Enquanto em algumas abordagens os infinitivos flexionados dos tipos em PB e PE são essencialmente iguais, outras têm demonstrado diferenças importantes, particularmente em termos de restrições na ordem das palavras (e.g. Silva, 1996; Da Luz, 1998, Salles, 1999, 2003; Pires, 2001). Raposo (1987) propõe que a sua distribuição é condicionada pelo fato de que Agr_{T+C}, que se assume atribuir caso a seu sujeito, só pode fazer isso se Agr_{T+C} recebe caso também (i.e., do verbo matriz). Em parte, o caráter nominal dos infinitivos justifica esta análise e explica a inversão sujeito-verbo obrigatória com complementos de infinitivos flexionados de predicados matriciais epistêmicos e declarativos em PE, que, em todas as abordagens, são tomados como CPs. Raposo, no entanto, argumenta que a inversão sujeito-verbo opcional para complementos de predicados factivos em PE se explica ao assumir que podem ser ou CPs (quando há inversão sujeito-verbo) ou IPs (como tal, pode receber Caso *in situ*), embora, esta análise seja controversa. Por outro lado, várias análises sustentam que os infinitivos flexionados são sempre CPs explícitos (em PE e PB) (Galves 1991; Madeira, 1995; Da Luz, 1998; Pires, 2001, 2006; Salles, 2003). Por exemplo, nesse tipo de análise e em função da possibilidade de sujeitos pré-verbais e pós-verbais nos complementos de predicados matriciais factivos em PE, Galves (1991) argumenta que o sujeito pode ou ser licenciado via concordância de spec-head com Agr ou sob a regência de T, que, para factivos, é realizado em C. Um trabalho posterior de Pires (2001) argumenta que a abordagem de Galves pode seguir do espírito da abordagem de Uriagereka (1995) para infinitivos flexionados em galego – que possuem uma distribuição diferente do PE e PB (ver Longa, 1994) – postulando um núcleo funcional F que codifica perspectiva (e.g. foco, contraste, ênfase). Ver Madeira (1995) para uma análise que atribui propriedades semânticas a C e as relaciona à distinção de modo e ver Salles (2003) para evidências do PB que dão respaldo à intuição de Madeira que relaciona a inversão sujeito-verbo à modalidade epistêmica.

infinitivos flexionados (i.e., *T(ense)* sejam livres de *Agr(eement)*) é a mesma para os aprendizes de PB e PE, tanto crianças quanto adultos.

2.1 O fenômeno: infinitivos flexionados

A língua portuguesa possui dois tipos de infinitivos, ambos não-especificados para tempo verbal, mas demarcados por uma especificação de pessoa/número-Agr (infinitivos flexionados) ou não (infinitivos não-flexionados). Como o PB emprega ativamente apenas as formas singulares e plurais de primeira e terceira pessoa, apenas as formas plurais possuem a correspondente morfologia explícita de pessoa/número em PB. Já em PE, as formas singulares e plurais de segunda pessoa (em negrito) apresentam uma morfologia explícita também, como em (1).

(1) Singular	Plural
eu fala+r+Ø	nós fala+r+mos
[tu fala+r+es]	[vós fala+r+des]
você	vocês
ele fala+r+Ø	eles fala+r+ em
ela	elas

Embora os infinitivos flexionados do português convivam com infinitivos não-flexionados, eles possuem uma distribuição única. Por um lado, os infinitivos flexionados se comportam como orações finitas normais no sentido em que tomam sujeitos lexicais ou sujeitos nulos, diferente dos infinitivos não-flexionados, como se pode ver em (2).

- (2) a. Eu lamento eles/*pro* não saberem a resposta.
 b. *Eu lamento eles não saber a resposta.
 c. Eu_i lamento PRO_i não saber a resposta.
 ‘I regret (*pro*)/they/ PRO to know the answer’

Como se pode ver em (3) embaixo, os infinitivos flexionados são diferentes de orações finitas, embora semelhantes às orações infinitivas não-flexionadas no sentido em que nunca tomam um complementizador *que*. Apesar disso, devem ocorrer em orações encaixadas. O que as distingue mais dos infinitivos não-flexionados é a sua não-gramaticalidade em contextos de interrogativos encaixados ou orações relativas.

- (3) a. *É possível que eles saberem a resposta.
 ‘*pro* is possible that they know-INF-3PPL the answer’
 b. É possível que eles saibam a resposta.
 ‘*pro* is possible that they know the answer’
 c. * Eles quererem saber a resposta.
 ‘They want-INF-3PPL know-INF the answer’

- d. Eles querem saber a resposta.
'They want know-INF the answer'
- e. * Eles saberem a resposta.
'They know-INF-3PPL the answer'
- f. Eles sabem a resposta.
'They know the answer'
- g. Não sabemos quem convidar à festa.
'*pro* (we) not know whom invite-INF to the party'
- h. *Não sabemos quem convidarmos à festa.
'*pro* (we) not know whom invite-INF-1PPL to the party'

Considere os seguintes exemplos em inglês, espanhol e português. No primeiro instante, nota-se que a impossibilidade de (4c) e (5c) contrastam nitidamente com a gramaticalidade de (6c), mostrando que a construção de infinitivos flexionados é incomparável em espanhol e inglês.

- (4) a. Paul_i claims PRO_i to know everything.
b. Paul claims that they know everything.
c. *Paul claims they to know everything.
- (5) a. Pablo_i afirma PRO_i saber todo.
b. Pablo afirma que ellos saben todo.
c. *Pablo afirma ellos saber todo.
- (6) a. Paulo_i afirma PRO_i saber tudo.
b. Paulo afirma que eles sabem tudo.
c. Paulo afirma (eles/*pro*) saberem (eles in EP) tudo.

2.2 Distinguindo entre infinitivos flexionados e não-flexionados

Em um estudo empírico, testamos o conhecimento de adultos aprendizes não-nativos em relação à distinção de controle obrigatório versus não-obrigatório entre infinitivos flexionados e não-flexionados em português. Ao aplicar o diagnóstico de Hornstein (1999)⁵, vemos que os infinitivos não-flexionados apresentam propriedades interpretativas de controle obrigatório enquanto os infinitivos flexionados apresentam propriedades de controle não-obrigatório (ver Pires, 2001, 2006).

Como se pode ver em (7) e (8), PRO, o sujeito de infinitivos não-flexionados, deve ter um antecedente em posição de c-comando na oração matriz, enquanto o sujeito *pro* de infinitivos flexionados pode ser disjuncto na referência de qualquer DP na sentença.

- (7) [Os nossos_i amigos]_k lamentam PRO_{*i/k} chegar tarde.
[The our_i friends]_k regret PRO_{*i/k} arrive-INF late.

- (8) [Os nossos_i amigos] lamentam *pro*_i chegarmos tarde.
[The our_i friends] regret *pro*_i arrive-INF-1PPL late.

Em relação às leituras possíveis em uma elipse, os infinitivos não-flexionados possuem uma leitura imprecisa (em inglês, *sloppy*), enquanto os infinitivos flexionados correspondem apenas a uma interpretação estrita do local da elipse. Considere as seguintes sentenças em (9):

- (9) a. *O João lamenta ter chorado e a Maria também.*
(= *Maria lamenta ter chorado*)
João_i regrets PRO_{i/*j} have-INF cried and Maria too.
(= *Maria regrets having cried*).
- b. *O João lamenta termos chorado e a Maria também.*
(*lamentamos nós termos chorado*)
João_i regrets *pro*_i have-INF-1PPL cried and Maria too.
(= *Maria regrets us crying*).

O material da elipse em (9a) só pode ser interpretado com a leitura imprecisa de 'A própria Maria lamenta por ela ter chorado', em oposição a (9b), onde o material da elipse deve ser entendido com uma interpretação estrita do local da elipse, que corresponde a 'Maria lamenta nós termos chorado'.

Além disso, os infinitivos flexionados, em comparação aos infinitivos não-flexionados, se comportam de forma diferente em termos de permitir (ou não) antecedentes cindidos para sujeitos nulos em orações encaixadas. Considere as seguintes sentenças em (10):

- (10) a. *A Maria José_i convenceu o Roberto_j PRO_{j/*i+j} a perdoar o Miguelinho.*
Maria José_i convinced Roberto_j PRO_{j/*i+j} to forgive-INF Miguel.
b. *A Maria José_i convenceu o Roberto_j *pro*_{i+j} a perdoarem o Miguelinho.*
Maria José_i convinced Roberto_j [that] *pro*_{i+j/k} [they] to forgive-INF Miguel

Em (10a), o sujeito PRO do infinitivo não-flexionado não permite uma interpretação em que Maria José e Roberto podem formar um conjunto que serve como o seu antecedente. Por outro lado, em (10b), o *pro* encaixado pode ser co-referencial com ou um conjunto de elementos que inclui Maria José e Roberto ou Roberto e outros do discurso, mas, levando em conta a Agrmorfologia plural do infinitivo flexionado, pode não ser co-referencial apenas com Roberto. Testamos para o conhecimento das duas últimas distinções discutidas nesta seção.

2.3 A aquisição de infinitivos flexionados

Em todas as abordagens, as propriedades apresentadas pela Gramática Particular (GP) são possíveis apenas se

⁵ Não testamos independentemente o conhecimento desses aprendizes em relação ao PSN. Dada a sua proficiência alta e a relativa uniformidade nos dados que apresentamos para o infinitivo flexionado, presumimos que esses aprendizes devem possuir a gramática *pro-drop* para o português.

fecham com as possibilidades disponibilizadas na GU. Logo, as propriedades da GP dependem das configurações de parâmetro fornecidas *a priori* pela GU. Dentro do Minimalismo, os valores dos parâmetros são localizados dentro do léxico da GP. Especificamente, as diferenças paramétricas emergem como resultado das propriedades lexicais específicas a cada língua relacionadas a categorias funcionais e aos seus traços associados (e forças). Em outras palavras, os léxicos da GP variam em termos de quais categorias funcionais, traços e forças instanciam. Esta variação entre as línguas tem uma série de consequências sintáticas. Uma consequência é a possibilidade de ter infinitivos flexionados, que o português, diferente do espanhol e inglês, possui.

Trabalhos anteriores de Raposo (1987) e de Quicoli (1988, 1996) demonstraram que os infinitivos flexionados emergem através da interação entre um parâmetro sintático (a configuração *pro-drop* do Parâmetro Sujeito Nulo) e a configuração positiva de um parâmetro morfológico (o parâmetro-Infl). Raposo e Quicoli propõem que INFL é parametrizado, o rotulando como “parâmetro Infl” e “Parâmetro-I”, respectivamente. Em ambas as análises, a estrutura Infl pode ser vista como um parâmetro morfológico da GU que possui valores para Tempo e Agr. Assim, os verbos podem ter os valores [\pm Tempo], [\pm AGR]. Infl finito é especificado para [+Tempo] e um Infl infinitivo é especificado para [-Tempo], independentemente de Agr. Em muitas línguas, se Infl é finito, é necessariamente especificado para Agr (como em inglês e espanhol, em que o contrário também se sustenta). Raposo propõe que o valor positivo do parâmetro-Infl (português) permita uma escolha livre de [\pm Tempo] em um Infl com Agr. Os infinitivos flexionados derivam da possibilidade de ter [[-Tempo] Agr]. De acordo com Raposo (1987, p. 92), na ausência de [+Tempo], Infl (ou Agr em Infl) atribui caso nominativo a seu sujeito se este é especificado para caso (motivado por fatos de inversão obrigatória sujeito-verbo em PE). Agr verbal é um conjunto de traços-phi para número, pessoa, e opcionalmente caso, mapeado a uma forma morfofonológica em apenas línguas de sujeito nulo (Chomsky, 1981, Alexiadou & Anagnostopoulou, 1998). Segue-se então que uma língua com infinitivos flexionados, que tomam sujeitos nominativos lexicais, deve ser uma língua de sujeito nulo e que a escolha de [\pm Tempo] é livre da escolha Agr [\pm case], como em (11). Em línguas *pro-drop* que também têm uma configuração positiva do parâmetro-Infl (i.e. português, mas não espanhol), a compilação de traços como em (11d) é possível e portanto permite infinitivos flexionados para pessoa/número Agr.

(11) a. NP [+Tempo] Agr_[-c] VP – construções finitas em chinês sem concordância

- b. NP [+Tempo] Agr_[+c] VP – construções finitas em português e espanhol
- c. NP [-Tempo] Agr_[-c] VP- construções ECM
- d. NP [-Tempo] Agr_[+c] VP- infinitivos flexionados

Parece claro que uma língua com infinitivos flexionados deve ser uma língua de sujeito nulo; entretanto, o valor [+ sujeito nulo] por si só não necessariamente implica em infinitivos flexionados. Portanto, resta saber como os aprendizes de português configuram o parâmetro-Infl para uma configuração positiva. Pires, (2001, 2006) baseia a sua abordagem na abordagem de Lightfoot de escaneamento baseado em pistas para a aquisição de linguagem (Lightfoot, 1999), em que o input é considerado o lócus para a identificação das supostas pistas estruturais proporcionadas pela GU necessárias para configurar qualquer sintaxe dada pela GP. Tomamos uma posição um pouco diferente já que a noção de pistas é mais tradicionalmente empregada dentro de abordagens associacionistas para a aquisição de linguagem, como no Modelo de Competição de MacWhinney e colegas (MacWhinney et al., 1989, MacWhinney & Bates, 1989). Semelhante a abordagem de Pires⁶ e de acordo com os pressupostos minimalistas, assumimos que os aprendizes de português devem adquirir a composição correta de traços dos diferentes tipos de morfologia flexional do português via a exposição através do input para convergir em uma gramática que permite formas verbais finitas e infinitivos flexionados. Como a configuração positiva do parâmetro-Infl permite a morfologia Agr sem Tempo, crianças e adultos devem aprender que a morfologia do português pode codificar tanto Tempo quanto pessoa/número ou apenas os traços de pessoa/número. Em suma, os aprendizes de português devem primeiro configurar o Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) para o valor *pro-drop* (ver Alexiadou & Anagnostopoulou, 1998 para uma abordagem minimalista) e então aprender que o português possui dois tipos de morfologia de concordância verbal: aquela com e aquela sem Tempo.

É especialmente interessante comparar a aquisição de infinitivos flexionados por falantes de inglês, e falantes bilíngues de espanhol-inglês, aprendizes de português como L2, devido aos diferentes resultados possíveis para ambos os grupos baseado na transferência da L1. Por um lado, as gramáticas do inglês e do espanhol não permitem [[-Tempo] Agr] como permite o português, que significa que possuem um valor negativo para o parâmetro-Infl. Entretanto, espanhol, diferente do inglês, é semelhante ao português no sentido em que a sua morfologia verbal Agr

⁶ A abordagem de Pires foi formulada originalmente para explicar a mudança linguística, e aqui ampliamos uma versão modificada desta para a aquisição de L2.

codifica traços nominais (crucialmente, pessoa, número, e opcionalmente, caso), que significa que as duas são línguas *pro-drop*. Para atingir uma competência alvo de infinitivos flexionados, a reconfiguração do parâmetro deve ocorrer para ambos os grupos de aprendizes adultos; no entanto, os aprendizes falantes de inglês devem reconfigurar o PSN bem como o parâmetro-Infl, enquanto, para os bilíngues, a transferência do espanhol como L1 significa que eles só precisam reconfigurar o parâmetro-Infl. É razoável assumir que esses fatos podem surgir no desempenho desses dois subgrupos.

À primeira vista, pode parecer que adquirir infinitivos flexionados seria mais difícil para os aprendizes falantes de inglês. Afinal, assumindo a transferência da L1, os bilíngues de espanhol-inglês, sendo falantes nativos de uma língua *pro-drop*, começam com uma aparente vantagem na medida em que só precisam reconfigurar um dos parâmetros relevantes. No, visto de forma diferente, é possível que a transferência do espanhol como L1 possa trabalhar contra os aprendizes bilíngues. O fato de que a mesma forma morfofonológica de Agr no português pode ou codificar traços de Tempo e pessoa/número ou apenas traços de pessoa/número (e.g. *falamos* [+TEMPO +1PPL] vs. *falamos* [-TEMPO +1PPL]) é uma possível fonte de confusão para os bilíngues de espanhol-inglês porque as mesmas (ou semelhantes) formas morfofonológicas (e.g. *hablamos* [+TEMPO +1PPL]) devem ter traços de Tempo e também de pessoa/número em espanhol. Mesmo com Acesso Total à GU, esta semelhança pode impedir ou retardar a aquisição de infinitivos flexionados para os bilíngues de espanhol-inglês. Por outro lado, se a GU é completamente acessível, os aprendizes falantes de inglês, livres do tipo de transferência de L1 que possa causar tal confusão, podem na verdade ter uma vantagem sobre os bilíngues de espanhol-inglês. Um dos objetivos deste estudo é testar esta ideia.

3 O Estudo

Esta seção detalha o planejamento e a metodologia do presente estudo. Relatamos os dados de duas tarefas diferentes. A primeira é uma tarefa de julgamentos de gramaticalidade (GJT, *grammatical judgment task*), empregada para testar o conhecimento de restrições sobre o uso de infinitivos flexionados como discutido na seção 2.1. Utilizando o diagnóstico de Hornstein (1999) para testar as propriedades de controle obrigatório vs. não-obrigatório, como visto em seção 2.2, a segunda tarefa é de interpretação que testa o conhecimento de restrições interpretativas sobre os infinitivos flexionados vs. não-flexionados, tais como as leituras possíveis em uma elipse e a (im)possibilidade de interpretações de antecedentes cindidos de sujeitos nulos encaixados.

A hipótese é se os aprendizes de L2 adquirem a morfosintaxe subjacente da língua alvo para infinitivos flexionados, vão se comportar como nativos em ambas as tarefas. Por outro lado, se a reconfiguração do parâmetro não for possível na L2A, prevemos que ambos os grupos serão malsucedidos em Tarefa 1, com um desempenho que corresponde ao nível de chance, enquanto, para motivos discutidos abaixo, apenas o grupo de falantes de inglês será malsucedido em Tarefa 2.

3.1 Participantes

No total, relatamos os dados de 25 adultos aprendizes de português. Este grupo pode ser dividido em dois subgrupos: (i) adultos falantes nativos de inglês, aprendizes de português (n=17) e (ii) adultos falantes bilíngues de espanhol/inglês, aprendizes de português (n=8). No momento da coleta de dados, os participantes moravam e estudavam português em Salvador, Brasil. Os participantes foram selecionados para inclusão neste estudo se possuíam um nível avançado de proficiência. O nível não-nativo de português foi avaliado através de uma compilação de exames de gramática, vocabulário e entrevistas orais administradas por instrutores nativos do português brasileiro. Além dos dois grupos de adultos aprendizes de português, havia um grupo controle de falantes nativos do português brasileiro (n=19).

TAREFA 1:

Tarefa de Julgamentos de Gramaticalidade (GJT)

O propósito da GJT é testar o conhecimento dos aprendizes de L2 sobre a distribuição gramatical de infinitivos flexionados. Os aprendizes podem demonstrar conhecimento semelhante ao nativo ao identificar e corrigir os usos não-gramaticais dos infinitivos flexionados de forma consistente. A GJT consiste em seis tipos de sentenças, como em (12) até (16). São cinco de cada tipo de sentença totalizando trinta sentenças de teste.

- (12) Infinitivos flexionados como complementos de verbos factivos na matriz
Ele lamenta os computadores não terem funcionado. (n=5)
'He regrets the computers not have-INF-3PPL worked'
- (13) Infinitivos flexionados como complementos de verbos declarativos na matriz
O João afirma não sabermos a verdade. (n=5)
'João claims not know-INF-1PPL the truth'
- (14) Infinitivos flexionados/não-flexionados como interrogativas encaixadas / orações relativas
a. *Não sabemos quem convidarmos à festa. (n=5)
'pro not know whom invite-INF-1PPL to the party'

b. Não sabemos com quem falar para conseguir a informação. (n=5)

'pro not know whom invite-INF to the party.'

(15) Infinitivos flexionados em orações matrizes

*Eles conhecerem o presidente muito bem. (n=5)

'They know-INF-3PPL the president very well.'

(16) Infinitivos flexionados com o complementizador 'que'

*Quantos anos elas têm? Penso que serem menores de idade. (n=5)

'How many years they have? pro think that pro be-INF-3PPL under age.'

As sentenças (12) e (13) exemplificam usos corretos do infinitivo flexionado. Sentenças como (14a) são não-gramaticais porque os infinitivos flexionados não podem ser usados em contextos com orações relativas/interrogativos encaixados. Por outro lado, nesses contextos são possíveis apenas os infinitivos não-flexionados, como em (14b). Sentenças como (15) e (16) são todas não-gramaticais já que os infinitivos flexionados devem estar em contextos encaixados, embora nunca tomem o complementizador *que*. Quando os participantes consideraram uma sentença não-gramatical, foi pedido que corrigissem a sentença se possível. Este procedimento garante que o aprendiz indica a não-gramaticalidade pelo motivo certo.

TAREFA 2:

Tarefa de Compatibilidade de Contexto

O propósito desta tarefa é testar se os aprendizes de L2 possuem conhecimento sobre as propriedades obrigatórias vs. não-obrigatórias de controle que distinguem os infinitivos não-flexionados dos flexionados. Sucesso neste teste comprova que a morfossintaxe subjacente do aprendiz é semelhante ao nativo. Entretanto, pode-se argumentar que os aprendizes podem realizar esta tarefa com sucesso, mesmo sem ter conhecimento semelhante ao nativo sobre infinitivos flexionados *per se*, se simplesmente percebiam que a morfologia Agr rege o sujeito. Se os aprendizes são bem-sucedidos nesta tarefa porque perceberam isso, mas a configuração do parâmetro não pôde acontecer, esperaríamos uma diferença no desempenho dos dois grupos não-nativos. Como os bilíngues falantes de espanhol, mas não os aprendizes falantes de inglês, podem transferir a morfologia flexional verbal que possui traços nominais, esperaríamos que eles tivessem uma vantagem nesta tarefa. Como veremos, não foi esse o caso.

Esta tarefa é uma tarefa de compatibilidade de contextos e sentenças. Testamos para o conhecimento de leituras imprecisas versus estritas em uma elipse e a possibilidade (ou não) de interpretações de antecedentes cindidos dos sujeitos nulos de infinitivos flexionados

versus não-flexionados. Um contexto foi fornecido seguido por duas sentenças: (a) uma que tem um infinitivo flexionado e (b) uma que tem um infinitivo não-flexionado. Foi pedido aos participantes que marcassem as sentenças que logicamente correspondiam ao contexto. Os participantes foram instruídos a marcar ambas as sentenças se acreditassem que fosse possível. São quatro tipos de pares contexto/sentença, como em (17).

(17) a. **Contexto de leitura imprecisa (n=10)**

Quando o nosso pai morreu a minha irmã chorou em frente de todos. Por isso, ela se sentia um pouco envergonhada. Mais tarde, ela me disse que estava muito orgulhosa de mim porque pensou que eu era muito forte. Ela nunca soube que eu tinha chorado também porque ninguém me viu chorar.

When our father died my sister cried in front of everyone. As a result, she felt a little embarrassed. Later, she told me that she was very proud of me because she thought I was very strong. She never knew that I had also cried because nobody saw me cry.

Which sentence(s) is (are) logical given the context?

Qual(-is) sentença(s) é (são) lógica(s) dado o contexto?

i. **Eu lamento ter chorado e a minha irmã também.**

'I regret have-INF cried and my sister too.'

ii. **Eu lamento termos chorado e a minha irmã também.**

'I regret have-INF-IPL cried and my sister too.'

b. **Contexto de leitura estrita (n=10)**

Ontem era o dia da partida de futebol mais importante do ano. Eu pensei que fôssemos ganhar, mas a gente perdeu. Agora estou muito triste e não quero sair. Realmente, eu não posso acreditar que não ganhamos. A minha namorada está muito triste também porque agora eu não quero sair de casa.

Yesterday was the most important day for soccer of the whole year. I thought we were going to win, but we lost. Now I am very sad and I don't want to go out. Truly, I just can't believe that we did not win. My girlfriend is also quite sad because now I don't want to leave my house.

Which sentence(s) is (are) logical given the context?

Qual(-is) sentença(s) é (são) lógica(s) dado o contexto?

i. **Eu lamento ter perdido e a minha namorada também.**

'I regret have-INF lost and my girlfriend too.'

ii. **Eu lamento termos perdido e a minha namorada também.**

'I regret have-INF-IPL lost and my girlfriend too.'

c. **Antecedente Cindido c/ PRO? (n=10)**

A Marta e o Roberto eram namorados por 3 anos. Os dois são bons amigos meus. A semana passada, A Marta soube que o Roberto tinha beijado outra mulher durante a primeira semana da sua relação. Obviamente a Marta estava muito triste e ela jurou que nunca mais falaria com ele. Eu não queria que a Marta odiasse o Roberto por isso falei com ela.

Marta and Roberto were together for 3 years. Both are my good friends. Last week, Marta found out that Roberto had kissed another girl during the first week of their relationship. Obviously, Marta was very upset and she swore that she would never talk to him again. I did not want Marta to hate Roberto so I spoke with her.

Which sentence(s) is (are) logical given the context?
Qual(-is) sentence(s) é (são) lógica(s) dado o contexto?

i. **Eu convenci a Marta a perdoar o Roberto.**

'I convinced Marta to forgive-INF Robert.'

ii. **Eu convenci a Marta a perdoarmos o Roberto.**

'I convinced Marta to forgive-INF-3PL Robert.'

d. **Antecedente Cindido c/ pro? (n=10)**

A minha melhor amiga, a Joana, não tem muito dinheiro mas precisa mudar fora da casa dos pais dela. Ela declara que ainda mora com eles para conservar dinheiro. Mas tem 28 anos e ela precisa ter mais liberdade e independência. Felizmente depois de dois anos de tentar convencê-la, ela aceitou a minha oferta de alugar um apartamento comigo.

My best friend, Joana, does not have a lot of money, but she needs to move away from her parents' house. She claims that she still lives with them to save money. However, she is 28 and needs to have more freedom and independ-ence. Luckily, after two years of trying to convince her, she accepted my offer to rent an apartment with me.

Which sentence(s) is (are) logical given the context?
Qual(-is) sentence(s) é (são) lógica(s) dado o contexto?

i. **Eu convenci a Joana a alugar um apartamento.**

'I convinced Joana to rent-INF an apartment.'

ii. **Eu convenci a Joana a alugarmos um apartamento.**

'I convinced Joana to rent-INF-1PL an apartment.'

Previu-se a seleção das sentenças com infinitivos não-flexionados em contextos como (17a) e (17c) já que esses contextos apresentam uma leitura imprecisa em uma elipse ou um ambiente que exclui uma leitura de conjunto do sujeito e objeto matriz como um antecedente. Por outro lado, previu-se sentenças com infinitivos flexionados em contextos como (17b) e (17d) já que esses contextos apresentaram uma leitura estrita do local da elipse e uma leitura de conjunto que inclui o sujeito e objeto matriz como antecedente, respectivamente.

4 Resultados

Esta seção é dividida em duas partes, correspondendo a dois testes empíricos. Cada uma dessas duas partes é subdividida em três componentes: (i) uma análise descritiva dos resultados dos grupos, (ii) uma análise quantitativa estatística dos dados dos grupos, que compara

o resultado médio do desempenho de cada grupo de aprendizes de L2 (inglês e bilíngues de espanhol/inglês) contra o grupo controle de falantes nativos, e (iii) uma consideração do desempenho individual. Empregamos uma ANOVA com um fator como medida inicial de estatística inferencial, seguida por comparações múltiplas de Tukey onde relevante. Como é habitual, o alfa foi fixado em (0,05) com um intervalo de confiança de 95%. As estatísticas foram realizadas usando o número médio de respostas corretas para cada grupo. Uma resposta é considerada correta se está de acordo com a análise teórica apresentada acima, que foi confirmado pelos controles nativos.

4.1 Tarefa 1

Análise Descritiva

Esta tarefa procura testar o conhecimento da (a)gramaticalidade de vários tipos de sentenças: predicados declarativos na matriz com complementos infinitivos flexionados (DMP, *declarative matrix predicates*), predicados factivos na matriz (FMP, *factive matrix predicates*) com complementos infinitivos flexionados, infinitivos flexionados/não-flexionados como interrogativas encaixadas/orações relativas (InI EI/RC, *inflected infinitives as embedded interrogatives/relative clauses*, e Inf EI/RC, *uninflected infinitives as embedded interrogatives/relative clauses*, respectivamente), infinitivos flexionados em orações matrizes (MC InI, *inflected infinitives in matrix clauses*), e infinitivos flexionados em orações encaixadas depois do complementizador *que* (InI w/que, *infinitives in embedded clauses after the complementizer que*). A análise numérica se baseia no número médio de sentenças aceitas em cada contexto (n=5 para cada contexto individual).

Como se pode ver em Figura 1, o comportamento do grupo nativo e do grupo não-nativo são profundamente semelhantes. As comparações relevantes para este teste são entre os grupos para cada contexto, comparando o desempenho nativo com o desempenho na L2 dos bilíngues de espanhol/inglês e dos falantes de inglês. Os três grupos atuaram de acordo com a distribuição portuguesa de infinitivos flexionados vs. não-flexionados discutida acima. Isto é, os três grupos consistentemente aceitaram (i) infinitivos flexionados em contextos encaixados com predicados declarativos e factivos na matriz, e (ii) infinitivos não-flexionados em contextos com interrogativas encaixadas / orações relativas. Além disso, os três grupos consistentemente rejeitaram (i) infinitivos flexionados usados como verbos matrizes depois do complementizador *que* e (ii) infinitivos flexionados em contextos com interrogativas encaixadas / orações relativas.

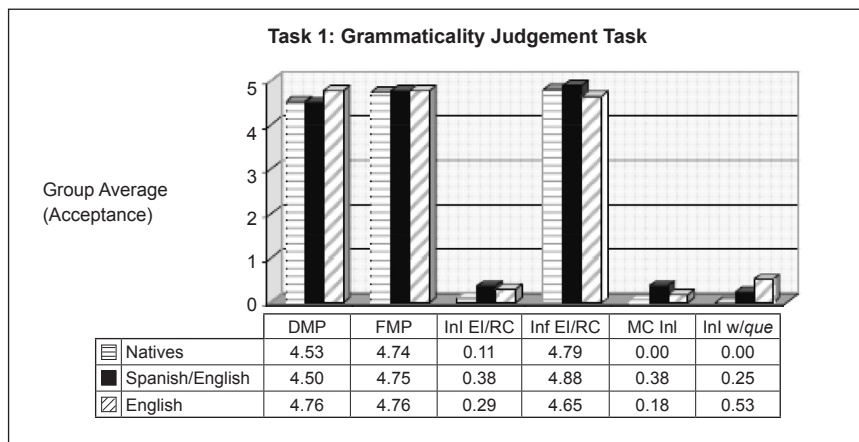


Figura 1 – Resultados de Tarefa 1

DMP = Declarative Matrix Predicate (*Predicado Declarativo na Matriz*); FMP = Factive Matrix Predicate (*Predicado Factivo na Matriz*); InI EI/RC = Inflected Infinitives as Embedded Interrogatives or Relative Clauses (*Infinitivos Flexionados como Interrogativas Encaixadas ou Orações Relativas*); Inf EI/RC = Uninflected Infinitives as Embedded Interrogatives or Relative Clauses (*Infinitivos Não-flexionados como Interrogativas Encaixadas ou Orações Relativas*); MC InI = Inflected Infinitives as Matrix Clauses (*Infinitivos Flexionados como Orações Matrices*); InI w/que = Inflected Infinitives under complementizer *que* (*Infinitivos Flexionados com complementizador que*).

Tabela 1. Resultados Individuais de Tarefa 1

	DMP	FMP	InI EI/RC	Inf EI/RC	MC InI	InI w/que
Native Average	4.53	4.74	0.11	4.79	0.00	0.00
Native Range	3-5	4-5	0-1	4-5	0	0
S/E Bil a	4	5	1	5	2	1
S/E Bil b	4	5	0	5	0	1
S/e Bil c	5	5	1	5	0	0
S/E Bil d	5	4	0	4	1	0
S/E Bil e	4	4	0	5	0	0
S/E Bil f	5	5	1	5	0	0
S/E Bil g	4	5	0	5	0	0
S/E Bil h	5	5	0	5	0	0
Eng. L a	5	5	0	5	0	0
Eng. L b	5	5	1	5	0	2
Eng. L c	5	5	1	5	0	1
Eng. L d	5	5	0	3	1	1
Eng. L e	4	4	0	5	0	0
Eng. L f	5	4	0	5	0	1
Eng. L g	5	5	1	5	0	1
Eng. L h	5	5	0	5	0	0
Eng. L i	4	4	0	5	1	0
Eng. L j	5	5	0	5	0	0
Eng. L k	4	5	0	5	0	2
Eng. L l	5	5	0	4	1	1
Eng. L m	5	5	1	5	0	0
Eng. L n	4	5	0	5	0	0
Eng. L o	5	4	0	5	0	0
Eng. L p	5	5	1	3	0	0
Eng. L q	5	5	0	4	0	9

DMP = Declarative Matrix Predicate (*Predicado Declarativo na Matriz*); FMP = Factive Matrix Predicate (*Predicado Factivo na Matriz*); InI EI/RC = Inflected Infinitives as Embedded Interrogatives or Relative Clauses (*Infinitivos Flexionados como Interrogativas Encaixadas ou Orações Relativas*); Inf EI/RC = Uninflected Infinitives as Embedded Interrogatives or Relative Clauses (*Infinitivos Não-flexionados como Interrogativas Encaixadas ou Orações Relativas*); MC InI = Inflected Infinitives as Matrix Clauses (*Infinitivos Flexionados como Orações Matrices*); InI w/que = Inflected Infinitives under complementizer *que* (*Infinitivos Flexionados com complementizador que*).

Análise Estatística

Testes de ANOVA de um fator foram utilizados para quantificar os dados dos grupos. Uma análise estatística revelou que não há diferenças significativas no desempenho dos grupos nativo vs. não-nativo em todos os contextos, exceto com infinitivos flexionados usados depois do complementizador *que*: DMP ($f=1.11$, $p=0.341$); FMP ($f=0.02$, $p=0.983$); InI EI/RC ($f=1.52$, $p=0.231$); Inf EI/RC ($f=0.58$, $p=0.567$); MC InI ($f=2.70$, $p=0.079$); InI w/*que* ($f=5.30$, $p=0.009$). Dado os valores estatísticos para este último contexto (infinitivo flexionado depois do complementizador *que*), testes posteriores foram feitos para determinar a origem das diferenças significativas. Esses testes revelaram nenhuma diferença significativa entre os nativos e os bilíngues de espanhol/inglês ($t=1.53$, $p=0.17$) e uma diferença significativa entre os nativos e os falantes de inglês ($t=3.04$, $p=0.008$). No entanto, observa-se que esta diferença surge de uma falta de variação nos falantes nativos, e não é indicativa de uma divergência grave do comportamento semelhante ao nativo. Quando as médias de aceitação dos grupos são comparadas (nativos: 0.00, espanhol/inglês: 0.25, inglês: 0.53), é evidente que mesmo os falantes de inglês têm uma tendência extremamente alta (88%) de rejeitar as sentenças nas quais os infinitivos flexionados são usados depois do complementizador *que*.

Resultados Individuais

Embora os resultados dos grupos demonstrassem comportamento semelhante ao nativo para ambos os grupos de aprendizes adultos, analisamos os dados individuais para determinar se a tendência do grupo representa corretamente o desempenho dos indivíduos, ao em vez de esconder uma variação importante dentro da análise agregada. Como se pode observar em Tabela 1, todos os aprendizes individuais atuaram dentro da variação dos falantes nativos para os contextos DMP, FMP, InI EI/RC e Inf EI/RC. Entretanto, houve uma variação individual dentro dos grupos (i.e. divergência dos controles falantes nativos) com sentenças que usam infinitivos flexionados como predicados na oração matriz ou depois do complementizador *que*. Na maioria dos casos, a divergência individual representa um desvio único das respostas dos controles nativos, que só é significativo em função da invariância nativa. Contudo, esses aprendizes ainda atuaram no nível de 80% de respostas corretas, bem acima do nível de chance e, portanto indicativa de uma gramática que instancia infinitivos flexionados.

4.2 Tarefa 2

Análise Descritiva

Esta tarefa procura testar o conhecimento na L2 que os infinitivos flexionados apresentam propriedades

de controle não-obrigatório enquanto os infinitivos não-flexionados apresentam propriedades de controle obrigatório (i.e. as leituras imprecisas obrigatórias em uma elipse com infinitivos não-flexionados, as leituras estritas obrigatórias do local da elipse com infinitivos flexionados, bem como a (im)possibilidade de antecedentes cindidos para sujeitos nulos de infinitivos não-flexionados (PRO) e flexionados (*pro*)encaixados). Como cada tipo de sentença permite apenas uma interpretação e cada contexto claramente corresponde a uma interpretação, as respostas foram consideradas incorretas ou se a sentença escolhida como compatível com o contexto não correspondeu à estrutura que produziu a leitura apropriada ou se ambas as sentenças foram marcadas.

Como se pode observar em Figura 2, a atuação do grupo de nativos e não-nativos foi muito semelhante. Para este teste, foram feitas comparações relevantes entre os grupos para cada contexto, comparando o desempenho nativo ao desempenho de L2 dos bilíngues de espanhol/inglês e dos falantes de inglês. Os três grupos atuaram de acordo com a análise teórica apresentada acima. Isto é, os três grupos correlacionaram as leituras imprecisas em uma elipse com infinitivos não-flexionados. Além disso, não permitiram interpretações de antecedentes cindidos com PRO, o sujeito do infinitivo não-flexionado. Por outro lado, eles derivaram uma leitura estrita do local da elipse com infinitivos flexionados e permitiram interpretações de antecedentes cindidos para o sujeito *pro* de infinitivos flexionados.

Análise Estatística

Testes ANOVA de um fator foram usados para quantificar os dados em grupo. Uma análise estatística de todos os contextos revelou nenhuma diferença significativa no desempenho do grupo nativo vs. o grupo não-nativo: Contextos com elipse (Não-flexionado (Unin): $f=1.38$, $p=0.262$; Flexionado (InI): $f=1.05$, $p=0.359$); Contextos com antecedentes cindidos (c/ PRO: $f=0.56$, $p=0.574$; c/*pro*: $f=2.29$, $p=0.115$). Portanto, com esses resultados testes posteriores não foram necessários.

Resultados Individuais

Em Tabela 2 acima colocamos os resultados do desempenho dos indivíduos em Tarefa 2 para ambos os grupos de aprendizes adultos, que podem ser comparados com a variação dos falantes nativos. Como foi o caso com a Tarefa 1, os resultados individuais para a Tarefa 2 mais ou menos confirmam a aplicabilidade das tendências do grupo ao desempenho dos indivíduos. Em geral, os falantes não-nativos atuaram dentro da variação de desempenho dos falantes nativos; entretanto, houve uma leve divergência para alguns aprendizes de ambos os grupos de não-nativos aprendizes de português. Como foi o caso com a Tarefa 1, os aprendizes individuais

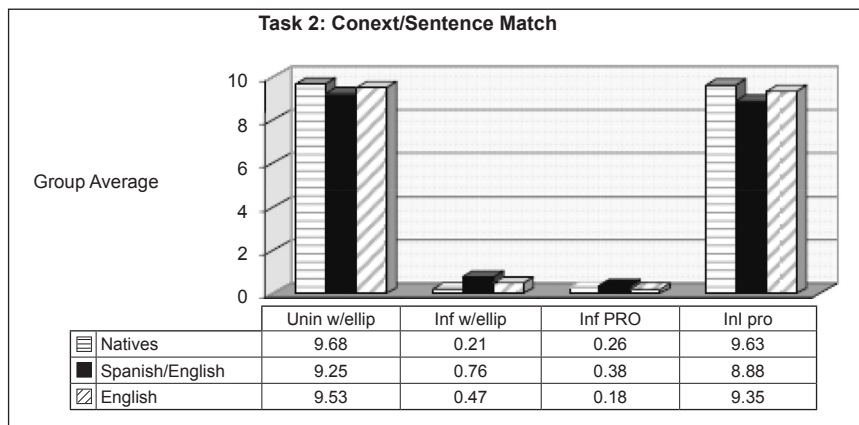


Figura 2 – Resultados de Tarefa 2

Unin w/ellip = Aceitação de Infinitivos Não-flexionados em Contextos de Leituras Imprecisas; Inf w/ellip = Aceitação de Infinitivos Não-flexionados em Contextos de Leituras Estritas; Inf PRO = Aceitação de Leituras de Antecedentes Cindidos com Infinitivos Não-flexionados; InI pro = Aceitação de Leituras de Antecedentes Cindidos com Infinitivos Flexionados.

Tabela 2. Resultados Individuais de Tarefa 2

	Unin w/ellip	Inf w/ellip	Inf PRO	InI pro
Native Average	9.68	0.21	0.26	9.63
Native Range	9-10	0-1	0.38	8-10
S/E Bil a	9	1	0	9
S/E Bil b	10	1	1	8
S/e Bil c	9	0	1	9
S/E Bil d	9	0	0	8
S/E Bil e	10	0	0	10
S/E Bil f	8	0	0	10
S/E Bil g	10	0	0	10
S/E Bil h	9	2	1	7
Eng. L a	10	1	0	10
Eng. L b	8	1	0	10
Eng. L c	10	0	0	8
Eng. L d	9	0	0	9
Eng. L e	8	0	0	10
Eng. L f	9	0	0	10
Eng. L g	10	0	0	9
Eng. L h	10	0	0	10
Eng. L i	10	1	1	7
Eng. L j	10	0	0	9
Eng. L k	10	0	0	10
Eng. L l	9	0	0	10
Eng. L m	10	1	1	8
Eng. L n	9	0	0	10
Eng. L o	10	2	1	10
Eng. L p	10	0	0	10
Eng. L q	10	2	0	9

Unin w/ellip = Aceitação de Infinitivos Não-flexionados em Contextos de Leituras Imprecisas; Inf w/ellip = Aceitação de Infinitivos Não-flexionados em Contextos de Leituras Estritas; Inf PRO = Aceitação de Leituras de Antecedentes Cindidos com Infinitivos Não-flexionados; InI pro = Aceitação de Leituras de Antecedentes Cindidos com Infinitivos Flexionados.

que atuaram fora da variação dos falantes nativos ainda atuaram bem acima do nível de chance, indicando que a sua gramática de português possui a possibilidade de infinitivos flexionados.

5 Discussão

Nesta seção, reunimos os resultados dos dois testes à luz de duas teorias opostas sobre a L2A em adultos. Como discutido em seção 1, as abordagens de Acesso Total (FA, *Full Access*) para a L2A preveem a possibilidade da reconfiguração de parâmetros, enquanto as abordagens de Traços Malsucedidos (FF, *Failed Features*) preveem que a reconfiguração de parâmetros seja impossível em função do suposto insucesso para adquirir novos traços morfossintáticos da L2 não disponíveis na L1.

A Tarefa 1 é uma GJT que testou para o conhecimento na L2 da distribuição de infinitivos flexionados. Crucialmente, testou o conhecimento dos ambientes em que os infinitivos flexionados não são uma opção gramatical. Como indivíduos e como grupos, ambos os conjuntos de adultos aprendizes de português atuaram mais ou menos como falantes nativos nesta tarefa. Isto é, ambos os grupos sabiam com confiança que os infinitivos flexionados não são possíveis como predicados matrizes, não aceitam um complementizador *que*, e não são possíveis em interrogativas encaixadas ou orações relativas. Os dois grupos julgaram corretamente as sentenças com usos apropriados do infinitivo flexionado. Para confirmar que as sentenças-teste foram consideradas (in)corretas pelos motivos gramaticais apropriados, foi pedido aos participantes que corrigissem as sentenças consideradas não-gramaticais. As correções dos três grupos eram consistentemente semelhantes, com uma exceção. Nas sentenças não-gramaticais com infinitivos flexionados com o complementizador *que*, os falantes nativos consertaram essas sentenças quase exclusivamente através da remoção do *que* (i.e. conservando a oração com infinitiva flexionada) enquanto os aprendizes de L2 frequentemente corrigiram essas sentenças mudando o infinitivo flexionado para uma forma finita apropriada. Embora a diferença no comportamento da correção seja interessante, e vamos retomar isso mais tarde nessa seção, observamos aqui que as duas maneiras de corrigir essas sentenças são aceitáveis já que as construções finitas sempre são uma alternativa para as construções infinitivas flexionadas.

A Tarefa 2 testou a aquisição na L2 de infinitivos flexionados com respeito ao controle. Pires (2001, 2006) demonstrou que apenas os infinitivos não-flexionados apresentam propriedades de controle obrigatório enquanto os infinitivos flexionados apresentam propriedades de controle não-obrigatório. Concluímos que os aprendizes

de português como L2 demonstraram conhecimento semelhante ao nativo de que os infinitivos flexionados em português se comportam de maneira diferente dos infinitivos não-flexionados em relação ao controle. Como grupos e como indivíduos, os aprendizes adultos consistentemente interpretaram o material da elipse com infinitivos não-flexionados com uma leitura imprecisa, enquanto derivaram uma leitura estrita do local da elipse com infinitivos flexionados de acordo com os contextos fornecidos. Além disso, em relação à possibilidade de interpretações de conjunto dos sujeitos nulos encaixados de infinitivos flexionados e não-flexionados, respectivamente, os aprendizes adultos, como os nativos, consistentemente permitiam antecedentes cindidos para *pro* enquanto não permitiam interpretações de antecedentes cindidos com PRO. Antes, destacamos a possibilidade de que esta tarefa poderia ser realizada com sucesso ao perceber que o sujeito é regido pela Agrmorfologia sem a necessidade de ter o conhecimento subjacente semelhante ao nativo sobre infinitivos flexionados especificamente. No entanto, se fosse esse o caso, esperaríamos ver diferenças entre os dois grupos de L2 assumindo que o conhecimento prévio de uma língua *pro-drop* seria uma vantagem. É interessante que não houve diferenças entre os dois grupos de L2, que atuaram de forma igual aos falantes nativos de português. Além disso, é importante lembrar que neste teste, os participantes foram dados a opção de selecionar uma ou ambas as sentenças depois de um dado contexto. Ao selecionar apenas uma sentença (a correta), os aprendizes de L2 não só julgaram que a sentença era gramatical, mas também julgaram a sentença não selecionada como não-gramatical. A seleção de apenas a sentença correta (e não as duas) só é possível se os aprendizes de L2 realmente possuem conhecimento de infinitivos flexionados semelhante ao nativo.⁷

A combinação dos resultados da Tarefa 1 e Tarefa 2 proporciona evidências fortes em favor de uma reconfiguração dos parâmetros. Esses adultos aprendizes de português distinguiram entre infinitivos flexionados e não-flexionados em relação às propriedades de controle e tiveram intuições claras sobre a sua distribuição gramática. Para chegar a tal conhecimento, duas coisas precisavam ser realizadas. Primeiro, os aprendizes de L2 devem ter adquirido os traços nominais associados à Agrmorfologia do português. Isto é, eles devem ter adquirido o conjunto de traços-phi nominais associados à Agrmorfologia verbal do português, que permite a atribuição de caso nominativo ao sujeito de infinitivos flexionados na ausência de Tempo. Em outras palavras, eles devem ter a configuração *pro-drop* do Parâmetro de Sujeito Nulo associada a sua gramática de português. No

⁷ Agradecemos ao parecerista anônimo por esta sugestão.

caso dos aprendizes falantes de inglês, a aquisição desses traços na L2 proporciona evidências contra as chamadas abordagens FF para a L2A em adultos, que assumem que a aquisição de novos traços sintáticos na L2 é impossível em geral. Em particular, fornece fortes evidências contra as afirmações de que os aprendizes adultos com gramáticas de L1 que não são *pro-drop* não são capazes de adquirir os traços necessários para licenciarem sujeitos nulos como fazem os falantes nativos de línguas *pro-drop* (e.g., Clahsen & Hong, 1995; Licerias & Díaz, 1999; Licerias et al. 1999; Tsimpli & Roussou, 1991). Se a maturação se manifesta no espírito da proposta de Beck (1998) em que os períodos críticos localizados especificamente diminuem a força dos traços de categorias funcionais ou desaparecem os traços não-selecionados da GU durante a aquisição da L1 (e.g., Hawkins & Chan, 1997; Licerias & Díaz, 1999), o fato que esses aprendizes de L2 foram capazes de adquirir os traços nominais do Agr do português deve implicar que o inventário de traços da GU ainda é acessível. É razoável supor, no entanto, que os bilíngues de espanhol/inglês transferem esses traços da sua L1, espanhol. Entretanto, tal transferência não é possível no caso dos aprendizes falantes de inglês, e os dois grupos não-nativos atuaram de forma igual aos nativos nas duas tarefas (ver nota 4).

Embora adquirir esses traços nominais seja um primeiro passo necessário, por si só obviamente não garante que os infinitivos flexionados sejam instanciados em qualquer GP, evidenciado pelo fato que espanhol, uma língua *pro-drop*, não permite infinitivos com concordância de pessoa/número. O aprendiz da língua portuguesa deve ainda perceber que $[\pm\text{Tempo}]$ é livre da escolha de Agr $[\pm\text{ case}]$ em português. Todos os aprendizes individuais dos dois grupos de adultos aprendizes avançados demonstraram que convergiram na gramática portuguesa que permite que o Agr seja livre de Tempo, que significa que eles reconfiguraram o parâmetro-Infl para um valor positivo.

Um dos motivos primários para testar esses dois grupos particulares de L2 envolve a possibilidade da transferência do espanhol ser uma vantagem, através do seu status *pro-drop*, ou uma desvantagem, já que a sua morfologia verbal praticamente idêntica não é capaz de codificar traços de pessoa/número independentemente dos traços de Tempo. Entretanto, nenhuma vantagem ou desvantagem foi observada já que os dois grupos atuaram como nativos nas duas tarefas. Em pesquisas futuras, testar os aprendizes em etapas anteriores de desenvolvimento pode indicar algumas diferenças. Devido à preponderância dos dados, que apontam para a reconfiguração do parâmetro sintático (NSP) e do parâmetro morfológico (parâmetro-Infl) na L2, concluímos que as evidências apresentadas por este estudo são consistentes apenas com a noção de continuidade da GU em adultos nas abordagens

de Acesso Total (FA) para a L2A em adultos (e.g. White 1989; Schwartz & Sprouse, 1996).

As evidências apresentadas aqui se basearam somente em julgamentos gramaticais e testes interpretativos. Reconhecidamente, um acoplamento desses dados com os dados de produção fortaleceria as conclusões que tiramos. Especificamente, nos permitiria avançar a ideia de que a morfologia e a sintaxe são dissociadas, se fôssemos chegar a concluir que a produção da morfologia dos infinitivos flexionados na L2 subespecifica o seu conhecimento sintático de outra forma demonstrável. Entretanto, preferimos coletar apenas os dados de julgamentos gramaticais e os dados interpretativos devido ao fato que o uso de infinitivos flexionados é quase nunca obrigatório, que significa que sempre há uma construção finita disponível para expressar a mesma mensagem. Consequentemente, existe uma boa possibilidade de que os aprendizes de português como L2 podem não produzir as construções de infinitivos flexionados nos mesmos contextos como os falantes nativos de português (se alguma vez produzem), apesar da demonstrável competência morfosintática quase nativa de infinitivos flexionados (i.e., confirmado por tarefas de julgamentos e interpretações).

Pode-se imaginar que se os aprendizes de L2 evitassem o uso de infinitivos flexionados no desempenho isso possivelmente confirmaria apenas que eles ativamente preferem as alternativas construções finitas favorecidas pelo fato de que constituem a única possibilidade nas suas L1. Preferir o uso de formas finitas no lugar de infinitivos flexionados na produção não é errado por se e não necessariamente revela algo sobre a competência subjacente. Reminiscente da crítica de White (1989) sobre a afirmação de Schachter (1988, 1989) que a evasão de certas operações opcionais de movimento no inglês como L2 resulta do fato de as gramáticas dos aprendizes carecerem da possibilidade de movimento, sabemos que quando há outra opção na gramática, a evasão de estruturas particulares não necessariamente diz nada sobre a competência na L2 da estrutura evitada. Levando isso em consideração, a nossa decisão de não coletar dados de produção é parcialmente sustentada pela diferença nas L1/L2 na correção de sentenças não-gramaticais na Tarefa 1 (discutido acima), onde os aprendizes de L2, diferente dos controles nativos, evitaram os infinitivos flexionados na sua correção das sentenças apropriadamente identificadas como não-gramaticais ao mudar as orações infinitivas flexionadas para formas finitas adequadas.

Por outro lado, os dados de produção podem não ter indicado a evasão. Por um lado, os dados de produção podem muito bem ter sido semelhantes ao nativo. Por outro lado, podem ter indicado tentativas de produção de infinitivos flexionados em contextos apropriados

junto com problemas com a realização da morfologia explícita associada. Em tais casos e levando em conta o desempenho nas tarefas interpretativas na L2, podíamos discutir tais resultados à luz do debate “sintaxe antes da morfologia” e a Hipótese da Ausência de Flexão de Superfície (e.g. Lardiere, 1998, 2000; Prévost & White, 1999; 2000). Independente do que dados de produção demonstram, mais pesquisas seriam fortalecidas com a sua inclusão.

Além disso, mais pesquisas sobre a aquisição não-nativa de infinitivos flexionados em português beneficiariam muito de examinar outros acarretamentos semânticos associados a sua aquisição. Por exemplo, investigar o conhecimento na L2 de restrições interpretativas sobre complementos infinitivos flexionados de predicados epistêmicos na matriz, que são sujeitos ao efeito de genericidade (Âmbar, 1998), fortalecerá as conclusões oferecidas aqui. Além disso, permitirá outro olhar sobre as propriedades sintáticas condicionadas na interface na aquisição de L2 em adultos e uma discussão sobre os efeitos da interface sintaxe/semântica de acordo com debates contemporâneos (e.g., Sorace, 2000, 2003).

6 Conclusão

O presente estudo proporcionou evidências em favor da reconfiguração de parâmetros na L2 de adultos. Testamos a aquisição de infinitivos flexionados em adultos aprendizes de português. Demonstramos que a possibilidade de infinitivos flexionados surge da interação de dois parâmetros. Primeiro, as línguas que permitem infinitivos flexionados devem ser línguas *pro-drop* já que a morfologia Agr deve ser capaz de atribuir caso nominativo a seu sujeito. Segundo, o parâmetro-Infl deve ter a configuração positiva para permitir a existência de Agr_[+case] com uma especificação [-Tempo]. Demonstramos que, em níveis avançados, aprendizes de português como L2 adquirem as restrições interpretativas associadas que distinguem os infinitivos flexionados vs. não-flexionados em relação às propriedades de controle assim como o conhecimento semelhante ao nativo da sua distribuição gramatical. Consequentemente, concluímos que os dados relatados aqui fornecem um suporte robusto às teorias de continuidade de GU na L2A de adultos.

Referências

ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena. Parametrizing Agr: Word Order, V-Movement and Epp-Checking. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 16, n. 3, p. 491-539, 1998.

AMBAR, M. Inflected infinitives revisited: Genericity and single event. *The Canadian Journal of Linguistics/La Revue canadienne de Linguistique*, v. 43, p. 5-36, 1998.

BECK, M. L. L2 acquisition and obligatory head movement: English-speaking learners of German and the local impairment hypothesis. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 20, p. 311-348, 1998.

BLEY-VROMAN, R. The logical problem of foreign language learning. *Linguistic Analysis*, v. 20, p. 3-49, 1990.

BRUHN DE GARAVITO, J. The (dis)association between morphology and syntax: The case of L2 Spanish. In: MONTRUL, Silvina; ORDÓÑEZ, Francisco (eds.). *Linguistic theory and language development in Hispanic languages*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2003. p. 398-417.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

DA LUZ, G. A. Inflected infinitives in Romance languages. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 34, p. 7-17, 1998.

EPSTEIN, S.; FLYNN, S.; MARTOHARDJONO, G. Second language acquisition: Theoretical and experimental issues in contemporary research. *Brain and Behavioral Sciences*, v. 19, p. 677-714, 1996.

EPSTEIN, S.; FLYNN, S.; MARTOHARDJONO, G. (1998). The strong continuity hypothesis in adult L2 acquisition. In: FLYNN, S.; MARTOHARDJONO, G.; O'NEIL, W. (eds.). *The generative study of second language acquisition*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1998. p. 61-79.

GALVES, C. *Inflected infinitives and Agr licensing*. Ms., UNICAMP, 1991.

GOAD, H.; WHITE, L.; STEELE, J. Missing inflection in L2 acquisition: Defective syntax or L1-constrained prosodic representations? *The Canadian Journal of Linguistics/La Revue canadienne de Linguistique*, v. 48, p. 243-263, 2003.

GUASTI, M. T. *Language acquisition: The growth of grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 2002.

HAWKINS, R. Revisiting Wh-movement: The availability of an uninterpretable [wh] feature in interlanguage grammars. In: *Proceedings of the 7th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2004)*. (Laurent Dekydtspotter et al., editors). Somerville, MA: Cascadilla, 2005. p. 124-137. .

HAWKINS, R.; CHAN, C. The partial accessibility of Universal Grammar in second language acquisition: The failed functional features hypothesis. *Second Language Research*, v. 13, p. 187-226, 1997.

HAWKINS, R.; LIZSAK, S. Locating the source of defective past Tempo marking in advanced L2 English speakers. In: van HOUT, R.; HULK, A.; KUIKEN, F.; TOWELL, R. (eds.). *The lexicon-syntax interface in second language acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 21-44.

HAZDENAR, B. *Child second language acquisition of English: a longitudinal case study of a Turkish-speaking child*. Unpublished Doctoral dissertation: University of Durham, 1997.

HERSCHENSOHN, J.; STEVENSON, J.; WALTMUNSON, J. Children's acquisition of L2 Spanish morphosyntax in an immersion setting. *IRAL*, v. 43, p. 193-217, 2005.

- HORNSTEIN, N. Movement and control. *Linguistic Inquiry*, v. 30, p. 69-96, 1999.
- LARDIERE, D. Dissociating syntax from morphology in a divergent L2 end-state grammar. *Second Language Research*, v. 14, p. 359-375, 1998.
- LARDIERE, D. Mapping features to forms in second language acquisition. In: ARCHIBALD, J. (ed.). *Second language acquisition and linguistic theory*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 2000. p. 102-129.
- LARDIERE, D. *Ultimate attainment in second language acquisition: A case study*. Mahwah, NJ: LEA, 2006.
- LICERAS, J.; DÍAZ, L. Topic-drop versus pro-drop: Null subjects and pronominal subjects in the Spanish of Chinese, English, French, German and Japanese speakers. *Second Language Research*, v. 15, p. 1-40, 1999.
- LICERAS, J.; DÍAZ, L.; MAXWELL, D. Null Subjects in Non-Native Grammars: The Spanish L2 of Chinese, English, French, German, Japanese and Korean Speakers. In: KLEIN, E.; MARTOHARDJONO, G. (eds.). *The development of second language grammars: A generative approach*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 109-145.
- LIGHTFOOT, D. *The development of language: Acquisition, change and evolution*. Oxford: Blackwell, 1999.
- LONGA, V.M. The Galician Inflected Infinitive and the theory of UG. *Catalan Working Papers in Linguistics*, v. 4, p. 23-44, 1994.
- LUST, B. *Child Language: Acquisition and Growth*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- MACWHINNEY, B.; BATES, E. *The Crosslinguistic Study of Sentence Processing*. Cambridge University Press, 1989.
- MACWHINNEY, B.; BOWMAN, L.L.; MERRIMAN, W.E. The Mutual Exclusivity Bias in Children's Word Learning. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, v. 54, 1989.
- MADEIRA, A. M. *Topics in Portuguese syntax: The licensing of T and D*. Ph.D. Dissertation. College of London, 1995.
- MONTRUL, S.; RODRÍGUEZ-LOURO, C. Beyond the syntax of the Null Subject Parameter: A look at the discourse-pragmatic distribution of null and overt subjects by L2 learners of Spanish. Paper presented at The Romance Turn, Universidad Nacional de Educación a Distancia (Madrid). 2004.
- MÜLLER, N.; HULK, A. Crosslinguistic Influence in bilingual acquisition: Italian and French as recipient languages. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 4, p. 121, 2001.
- PACHECO, S.; FLYNN, S. Syntax-Pragmatics Interface: Brazilian Portuguese Acquisition of L2 English. Paper presented at the 9th Hispanic Linguistic Symposium and the 8th Conference on the L1 & L2 Acquisition of Spanish and Portuguese, 2005.
- PAPP, S. Stable and developmental optionality in native and non-native Hungarian grammars. *Second Language Research*, v. 16, p. 173-200, 2000.
- PIRES, A. *The syntax of gerunds and infinitives: Subjects, case and control*. Ph.D. dissertation. University of Maryland, College Park, 2001.
- PIRES, A. *The minimalist syntax of defective domains: Gerunds and infinitives*. Amsterdam: John Benjamins, 2006.
- PLATZACK, C. The vulnerable C-domain. Paper presented at the Workshop on Language Acquisition and Language Breakdown, Utrecht, 1999.
- PRÉVOST, P.; WHITE, L. Finiteness and variability in SLA: More evidence for missing surface inflection. *Proceedings of the Annual Boston University Conference on Language Development*, v. 23, p. 575-586, 1999.
- PRÉVOST, P.; WHITE, L. Missing surface inflection or impairment in second language acquisition? *Second Language Research*, v. 16, p. 103-133, 2000.
- QUICOLI, A.C. Inflection and parametric variation: Portuguese vs. Spanish. Ms. University of California, Los Angeles, 1988.
- QUICOLI, A.C. Inflection and parametric variation: Portuguese vs. Spanish. In: FREIDIN, R. (ed.). *Current Issues in Comparative Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1996. p. 46-80.
- RAPOSO, E. Case theory and Infl-to-Comp: The inflected infinitive in European Portuguese. *Linguistic Inquiry*, v. 18, p. 85-109, 1987.
- ROTHMAN, J. Pragmatic solutions for syntactic problems: Understanding some L2 syntactic errors in terms of discourse-pragmatic deficits. In: BAAUW, S., DIRJKONINGEN, F.; PINTO, M. (eds.). *Romance languages and linguistic theory 2005*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 299-320.
- SALLES, H. Orações Infinitivas no Português do Brasil. *Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE)*, v. 1, p. 71-75, 1999.
- SALLES, H. Infinitive clauses as substitutes for subjunctive clauses in Brazilian Portuguese. In: PÉREZ-LEROUX, A.; ROBERGE, Y. (eds.). *Romance linguistics: Theory and acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 197-208.
- SCHACHTER, J. Second language acquisition and its relationship to Universal Grammar. *Applied linguistics*, v. 9, p. 219-235, 1988.
- SCHACHTER, J. Testing a proposed universal. In: GASS, S.; SCHACHTER, J. (eds.). *Linguistic perspectives on second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- SCHWARTZ, B. On explicit and negative data effecting and affecting competence and 'linguistic behavior'. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 15, p. 147-163, 1992.
- SCHWARTZ, B. Child L2 acquisition: Paving the way. In: BEACHLEY, Barbara et al. (eds.). *BUCLD 27 Proceedings*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2003. p. 25-50.
- SCHWARTZ, B.; SPROUSE, R. Word order and nominative case in nonnative language acquisition: A longitudinal study of L1 Turkish German interlanguage. In: HOEKSTRA, T.; B. SCHWARTZ, B. (eds.). *Language acquisition studies in generative grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 317-368.
- SCHWARTZ, B.; SPROUSE, R. L2 cognitive states and the Full Transfer/Full Access Model. *Second Language Research*, v. 12, p. 40-72, 1996.
- SCOVEL, T. *A time to speak: A psycholinguistic inquiry into the critical period for human speech*. Rowley, MA: Newbury House, 1988.

- SILVA, M.C. *A posição de sujeito no Português Brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- SORACE, A. Syntactic optionality in non-native grammars. *Second Language Research*, v. 16, p. 93-102, 2000.
- SORACE, A. Near-Nativeness. In: DOUGHTY, C.; LONG, M. (eds.). *The Handbook of Second Language Acquisition*. Oxford: Blackwell Publishers, 2003. p. 130-153.
- TSIMPLI, I.M.; ROUSSOU, A. Parameter-resetting in L2. *University College London Working Papers in Linguistics*, 1991. p. 149-169.
- UNSWORTH, S. On the syntax-semantics interface in Dutch: Adult and child L2 acquisition compared. *IRAL*, v. 42, p. 173-187, 2004.
- URIAGEREKA, J. An F position in Western Romance. In: KISS, K. (ed.). *Discourse configurational languages*. New York: Oxford University Press, 1995. p. 153-175.
- WHITE, L. *Universal grammar and second language acquisition*. Philadelphia: John Benjamins, 1989.
- WHITE, L. Second language acquisition: From initial to final state. In: ARCHIBALD, J. (ed.). *Second language acquisition and linguistic theory*. Oxford: Blackwell., 2000. p. 130-155.
- WHITE, L. *Second language acquisition and Universal Grammar*. New York: Cambridge University Press, 2003.

Recebido: 07/05/11

Aprovado: 18/05/11

Contato: jrothman@ufl.edu

michael-iverson@uiowa.edu